

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

*Elcio - Presidente*Vale a pena
ver de novo?

Se enquanto espera o final da tarde para ver na TV os primeiros resultados das eleições o caro leitor se der ao trabalho de procurar os jornais de quatro anos atrás, nessa mesma época, vai encontrar tudo lá: reclamações de que a campanha eleitoral não emociona nem mobiliza ninguém, denúncias de uso da máquina administrativa, acusações de Lula sobre a falta de legitimidade do processo e a atuação perniciosa e tendenciosa da imprensa, Fernando Henrique lamentando ter vivido seus piores momentos da campanha nos meses de abril e maio daquele ano, os tucanos prevenindo ganhar no primeiro turno mas equilibrando-se trêfegos no salto alto com medo de desabar de cima dele e os petistas até a última hora acreditando no segundo turno como a salvação da lavoura.

Vai encontrar também grandes e pequenas incoerências daqueles que foram e hoje continuam sendo os principais adversários num país que é muito diferente daquele em vários aspectos, menos na política, que não mudou nesse meio tempo. Em outubro de 1994, Lula falava de seu plano de projetar novas lideranças nacionais do PT porque dizia que ele, "mais do que ninguém", rejeitava a idéia de que o partido ficasse eternamente na dependência de um único candidato. Exatamente o senhor que agora nos fala do alto do mesmo palanque.

Já Fernando Henrique, mal disfarçando o tom de vitorioso na véspera da eleição, assegurava solene que, uma vez eleito, jamais formaria um Ministério em que o critério fosse a distribuição de vagas por partidos. Dizia que essa era "uma aritmética pobre". Os votos ainda estavam sendo contados e nos jornais do dia 7 de outubro (a eleição foi no dia 3) do Congresso já saíam publicadas manifestações em favor da aprovação de uma emenda da reeleição.

E quem é que dizia que o Parlamento seria majoritariamente favorável à tese? Miro Teixeira, do PDT, guerreiro anti-reeleição dois anos depois. E quem é que rejeitava a idéia com veemência?

Fernando Henrique Cardoso: "Eu fui favorável à reeleição. Vendo essa campanha eleitoral e esses pruridos todos, e a confusão que se faz entre o uso da máquina e a posição política, já não penso mais assim. Num país desse, imagine o que será a campanha da reeleição de um presidente no cargo. Ele é capaz de perder porque vai todo mundo dizer que faz uso da máquina. Com essa nossa cultura será assim. Talvez fosse melhor retomar o mandato de cinco anos do que reabrir a tese da reeleição."

Pois vejam os senhores que é exatamente esta a argumentação daqueles que há 15 minutos consideravam a reeleição o maior avanço da democracia brasileira em todos os tempos, e hoje já se preparam para acabar com ela. Dizendo o quê? O mesmo que o então candidato dizia há quatro anos mas esqueceu-se temporariamente e, como a vida vem em ondas como o mar, é capaz de voltar a se lembrar caso seja conveniente.

Isso veremos em breve ou talvez mais adiante. Quando o país se convencer de que até os mais bem-intencionados têm dificuldades de andar para a frente na velocidade que mais de 20 anos de consolidação democrática nos permitem, se continuarmos a viver num ambiente político em que quanto mais as coisas mudam, mais continua tudo na mesma. Como dizem os franceses.

Cenas da eleição

Mesmo ainda sem os resultados definitivos, é possível detectar aqui e ali algumas cenas desta eleição que merecem destaque. No quesito derrubada de mitos, houve duas: a derrota acachapante de Miguel Arraes e a desistência de Hélio Garcia, que cultuava a mítica de que político bom é político calado e parado.

No de alianças inusitadas tivemos Jorge Bornhausen e Esperidião Amin em Santa Catarina e Leonel Brizola e Lula na chapa presidencial. No setor dos acordos não escritos, mas tácitos, os eleitores de Fernando Henrique e Cristovam Buarque em Brasília produziram o exemplo.

As dificuldades enfrentadas por César Maia também demonstraram que métodos científicos em eleições podem produzir resultados, mas não são garantia de sucesso absoluto. Em Alagoas, ficou demonstrado que Fernando Collor pode ser bom de voto, mas não é dois: seu candidato Euclides Mello foi obrigado a desistir por falta de apoios e de cabeça para deixar a direção da empresa dos Collor no prazo legal.

No departamento das rasteiras, se as pesquisas estiverem certas e Elcio Álvares realmente perder a eleição para o Senado no Espírito Santo, teremos um líder do governo derrotado pelo próprio governo. Lá o PSDB e seus ministros jogaram todas as fichas em Paulo Hartung.

Em Sergipe, mesmo que João Alves não ganhe, ainda assim é digno de nota o abraço de afogados que se deram Albano Franco e Jackson Barreto. Adversários tradicionais, uniram-se e no lugar de um sucesso estrondoso acabaram abrindo espaço para o crescimento de Alves nas pesquisas.

No Rio, Saturnino Braga ressurgiu das cinzas para a cena nacional. Na Paraíba, Ronaldo Cunha Lima andou de braço com o inimigo e perdeu a hegemonia política para José Maranhão. Em Goiás, um personagem pândego chamado "Nerso" abalou o feudo de Íris Rezende, que pediu a um outro, de nome "Ratinho", que lhe garantisse a manutenção da audiência.